

CINEMA EM ABRIGOS: CULTURA E COMUNIDADE DAS ENCHENTES DE 2024

GABRIEL MOMESSO GRILLO¹; BRUNO RAMOS MARTINS²; CÍNTIA LANGIE³

¹Universidade Federal de Pelotas – gabrielmomessogrillo@tutanota.com

²Universidade Federal de Pelotas – bruno.rmartinz@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – cintialangie@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho busca expor e analisar as atividades realizadas pela ação Sessões de Cinema em Abrigos, composta por estudantes dos cursos de Cinema e Audiovisual e Cinema de Animação, além de Design de Jogos da UFPel, durante as enchentes ocorridas em Pelotas ao longo do mês de maio de 2024.

A ação Sessões de Cinema em Abrigos atuou organizando exibições de filmes em abrigos que receberam crianças e adolescentes na cidade, no contexto das enchentes sem precedentes que afetaram grande parte do estado do Rio Grande do Sul neste ano. O projeto não surgiu em um vácuo, mas sim no contexto de uma rede de iniciativas de diferentes artistas de Pelotas que buscavam prover entretenimento para os menores desabrigados pela catástrofe climática. Iniciativas semelhantes surgiram por parte de artistas do teatro, da dança, e diversas outras áreas. Essas iniciativas foram coordenadas com a administração de cada abrigo através do projeto Artistas Solidários.

Embora surgissem eventualmente propostas para a exibição de filmes para os adultos nos abrigos, e embora alguns membros da ação Sessões de Cinema em Abrigos tenham participado destas de forma individual, o projeto apenas promoveu sessões de cinema para o público infantil abrigado.

Devido a seu surgimento repentino e ao contexto emergencial das enchentes, a ação de extensão começou, efetivamente, apenas no campo da prática. Porém, após as enchentes terminarem e os abrigos serem fechados, buscou-se fazer uma análise da experiência das sessões nos abrigos. Os dois principais referenciais teóricos foram Adriana Fresquet (UFRJ) e Cezar Migliorin (UFF), por suas sínteses de diversas perspectivas sobre a relação entre infância, acesso à cultura e a formação de atitudes democráticas.

2. METODOLOGIA

O surgimento da ação Sessões de Cinema em Abrigos se deu de uma forma inicialmente descentralizada, a partir de diferentes iniciativas autônomas de estudantes de cinema. Um dos primeiros pólos aglutinadores dessas iniciativas foi o Centro Acadêmico dos cursos de cinema da UFPel (CACine), que reuniu parte dos estudantes que haviam se organizado, permitindo uma coordenação mais estruturada entre os participantes. Os estudantes passaram a se dividir em grupos de trabalho, cada grupo sendo responsável pelas exibições em um abrigo. As divisões se deram por critérios de disponibilidade, compatibilidade das agendas individuais com as dos abrigos escolhidos, e facilidade de locomoção para cada participante. Os grupos de trabalho não eram completamente rígidos, e, dependendo do contexto, os participantes podiam migrar entre os grupos (pontual ou permanentemente) ou fazer parte de mais de um.

Ao mesmo tempo em que havia uma organização referente às exposições em si, também estava sendo feito, em paralelo, um trabalho de curadoria pelos estudantes com menor possibilidade de presença nos abrigos. O resultado desta curadoria foi um drive com diversas obras nacionais e internacionais voltadas para o público infantil, assim como uma planilha com dados das obras, como nome, ano, técnica e etc.

Inicialmente nossa disponibilidade de equipamentos se limitava a itens pessoais como notebooks, pipoqueira elétrica e caixas de som, mas somado ao projetor emprestado pela UFPEL, foi possível realizar diversas projeções, tanto em tela, quanto em parede branca, sendo necessária uma adaptação constante.

Posteriormente, os grupos coordenados pelo CACine se juntaram a outras iniciativas e passaram a ser orientados pela Profa. Cíntia Langie, através do projeto Circuito - produção e difusão audiovisual, resultando num aumento da organicidade devido ao crescimento na quantidade de equipamentos e permitindo o compartilhamento dos mesmos entre os grupos responsáveis por cada abrigo, assim como a troca de experiências entre os grupos. Além disso, com a participação da Profa. Cíntia Lange foi possível, através de sua rede de contato com os professores da UFPEL, arrecadar um orçamento que foi utilizado tanto para cobrir nossos gastos de transporte como gasolina e transporte por aplicativo nos dias de chuva, quanto para a compra das pipocas e pacotes descartáveis.

Embora tenham havido variações, as sessões eram pensadas de forma a começar com uma apresentação e explicação da ação Sessões de Cinema em Abrigos, a exibição curta-metragem produzido nos próprios cursos de cinema da UFPEL, e em seguida a de um longa-metragem voltado ao público infantil. Na curadoria, predominaram as animações, especialmente aquelas realizadas entre os anos 2000 e 2010. Alguns dos grupos de trabalho procuraram dar algum grau de escolha para as crianças e adolescentes sobre os filmes que iriam assistir, disponibilizando mais de uma opção no dia ou, em alguns casos, dialogando com as crianças do abrigo em outros momentos para ouvir suas sugestões. Como um pequeno toque de qualidade de vida, a máquina de pipoca esteve presente na grande maioria das sessões. Sem muitas surpresas, foi uma iniciativa extremamente popular entre as crianças.

Os abrigos contemplados pelo projeto foram Sociedade Libanesa de Pelotas, Catedral Anglicana do Redentor, Ginásio da Associação Atlética Banco do Brasil (AABB) e Santa Terezinha Futebol Clube. O contato com os abrigos era realizado diretamente pelos grupos de trabalho com a coordenação de cada abrigo, através das redes de contato possibilitadas pelo projeto Artistas Solidários.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Os participantes do projeto, antes de iniciarem as atividades elencadas, já estavam impactados com a situação crítica em que a cidade de Pelotas se encontrava, e tudo isso foi intensificado com as idas aos abrigos. Lá se viam adultos e crianças que já viviam em situação de vulnerabilidade antes das enchentes, mas agora de forma mais agravada pelas chuvas pela possibilidade da perda dos bens deixados para trás em suas casas, assim como a perda de sua privacidade ao terem que dormir num espaço compartilhado por diversas pessoas desconhecidas. As crianças tinham umas às outras para brincar, e muitas vezes seus responsáveis, por diversos fatores, não tinham a disponibilidade para dar atenção desejada naquele momento.

Um aspecto do projeto foi promover o cinema não apenas como um alívio

ou entretenimento, mas também como uma maneira de tornar as crianças, em certo sentido, atores dentro do abrigo e não apenas seres completamente externos alojados dentro dele. O contato com o cinema, assim como a realização de outras atividades como as propostas pelo Artistas Solidários, como brincadeiras, leituras, dança e etc., ressignifica o espaço do abrigo e a capacidade de ação e criatividade das crianças dentro dele. Nesse sentido, Migliorin argumenta, o cinema é particularmente privilegiado no que toca a infância, porque, por mais que assistir um filme seja um processo realmente ativo, “o cinema não pede nada, apenas se aconchega nas capacidades sensíveis dos sujeitos comuns” (MIGLIORIN, 2012, p.112-113).

O cinema também é uma ferramenta pela qual as crianças desenvolvem a capacidade de interpretar e se inventar e reinventar dentro de sua realidade social, um processo de desenvolvimento cultural em que elas “se tornam parte desse mundo [social]” (FRESQUET, 2009, p.11). Essa capacidade, porém, é muitas vezes bloqueada por barreiras de classe, devido ao preço proibitivo, por exemplo, dos ingressos de cinema (VERÍSSIMO, 2023). Isso é particularmente latente no que trata dos desabrigados em situação vulnerável durante as enchentes, e mais geralmente de outras pessoas em situações de tamanha vulnerabilidade.

Além dessa função de democratização do espaço no contexto das crianças, normalmente relegadas a seres passivos em situações de calamidade devido a sua vulnerabilidade, também as exhibições tiveram função de promoção da qualidade de vida nos abrigos. Seja pelas sessões noturnas que cumpriam a função de manter uma rotina consistente na hora de dormir, como na Catedral Anglicana do Redentor, ou em outras que proporcionaram um momento de lazer para os jovens e diminuíam a carga de trabalho dos adultos responsáveis, essa promoção da qualidade de vida afetava tanto os mais novos quanto os mais velhos.

Alguns dos filmes projetados foram os curta-metragens produzidos na UFPel: HAHAAHA (2024), Meowr (2024), Coaxo (2023), Barbearia do Jorjão (2022) Contratempo (2023), Macieira (2023) e Pedro a Pedra (2022). Enquanto longa-metragens, alguns exemplos são: Como treinar seu Dragão (2010), Super Mario (2023), Os Incríveis (2004), Monstros SA (2001), Shrek (2001), Toy Story (1995) e outros. Houve um momento onde fomos procurados pela dentista responsável do abrigo AABB e numa ação conjunta exibimos o episódio 97 de O Show da Luna! que tem um propósito educacional em relação à saúde bucal focando na prevenção de cáries.

A participação do público no geral foi tranquila. Havia uma inquietação nos primeiros minutos e era neste momento em que manifestavam sua satisfação com as obras escolhidas para aquele dia, assim como aproveitavam para nos passar sugestões para os dias seguintes. Logo se encontravam concentradas no filme enquanto comiam a pipoca preparada pelos estudantes do projeto.

Durante as sessões de cinema nos abrigos, recebemos constantes agradecimentos, tanto dos voluntários, quanto dos responsáveis dos jovens, também percebemos a alegria das crianças, que logo superaram a timidez inicial e passaram a fazer questão de nos dizer o quanto estavam felizes com as atividades. Com o tempo, elas se aproximavam, brincando conosco enquanto ainda instalamos os equipamentos e mostravam curiosidade sobre como tudo funcionava, fazendo perguntas frequentes sobre os aparelhos e até sobre a produção dos filmes, de maneira simples. Esse era um padrão encontrado em

todos os abrigos contemplados pelas sessões.

4. CONSIDERAÇÕES

A realização de exhibições de filmes para as crianças nos abrigos criados em Pelotas no contexto das enchentes de maio de 2024 foi uma experiência multifacetada. Por um lado, as sessões de cinema tiveram uma clara função de lazer para as crianças, e de uma forma mais geral se integraram a uma rotina que se buscou criar para os menores de idade, em conjunto com outras atividades e iniciativas. Por outro, serviram para diminuir a sobrecarga de trabalho sobre organizadores dos abrigos e os adultos responsáveis. Por outro ainda, serviram como um fomento à cidadania e à democracia para as crianças, disponibilizando-lhes ferramentas de convívio e acesso à cultura que lhes permitem se inventar e reinventar como parte de um todo social, ferramentas estas que muitas vezes são negadas aos jovens em situação vulnerável.

Do ponto de vista do aprendizado da própria equipe, particularmente para os alunos de cinema, foi uma experiência insubstituível de exibição e difusão em um contexto real e muito menos “polido” e previsível do que as situações hipotéticas que se estuda numa sala de aula. Os esforços organizativos, por si só complexos, somados a uma situação errática e de pouco controle, trouxeram lições sobre a estrutura da difusão cinematográfica que uniam teoria e prática. Além disso, os participantes puderam observar de perto a realidade da função social do cinema e das possibilidades do cinema na formação de laços de comunidade e solidariedade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MIGLIORIN, C. Cinema e Escola, Sob o Risco da Democracia. **Revista Contemporânea de Educação**. Rio de Janeiro, v. 5 n. 9, 2012.

FRESQUET, A. Cinema, Infância e Educação. **Grupo de Estudos: Educação e Arte**. Rio de Janeiro, v. 1, 2007.

VERÍSSIMO, C. L. L. **O Cinema no Brasil e a necessidade da democratização do seu acesso: uma análise à luz de uma visão pautada nos aspectos sociais, econômicos, políticos e geográficos**. Scientia – Repositório Institucional, 2023. Acessado em 7 de outubro de 2024. Online. Disponível em: <https://repositorio.pgsscogna.com.br//handle/123456789/65212>